

ROTA
LITERÁRIA
do ALGARVE
ESTOI





ITINERÁRIO LITERÁRIO DE ESTOI

Informações úteis

Duração média do passeio: 2h 30m

Extensão aproximada: 1,5 km

Grau de dificuldade: fácil

Tipo de percurso: circular

Ponto de partida: Chafariz / Largo da Liberdade



Pontos de paragem

1

Chafariz / Largo da Liberdade

2

*Largo General Humberto Delgado /
Monumento a Emiliano da Costa*

3

Largo Ossónoba

4

*Edifício do Antigo Mercado de Estoi /
Espólio de Emiliano da Costa*

5

*Casa de Emiliano da Costa / Ermida
do Pé da Cruz*

6

Rua da Barroca

7

Palácio de Estoi

8

Largo da Liberdade

MAPA DO ITINERÁRIO DE ESTOI

- 1 *Chafariz / Largo da Liberdade*
- 2 *Largo General Humberto Delgado /
Monumento a Emiliano da Costa*
- 3 *Largo Ossónoba*
- 4 *Edifício do Antigo Mercado de Estoi /
Espólio de Emiliano da Costa*
- 5 *Casa de Emiliano da Costa / Ermida
do Pé da Cruz*
- 6 *Rua da Barroca*
- 7 *Palácio de Estoi*
- 8 *Largo da Liberdade*





5

4

3

6

7

8

1

2

Estoi

ER 2-6

1

Chafariz / Largo da Liberdade

Está em Estoi, uma aldeia com uma população de aproximadamente 3 700 habitantes, que dista 9 km da capital algarvia e se encontra aninhada entre a Campina de Faro e o Cerro do Malhão.

Uma das características que marcam esta aldeia é a presença abundante de água. E é esse um dos motivos que nos leva a ter como ponto de partida o Chafariz do Largo da Liberdade (situado no lado oposto à igreja, cerca de 20m após a escadaria), que foi

em tempos um bebedouro para os animais (foto 1).

Podemos imaginar que este tenha sido um local de grande concentração de pessoas e animais, uma vez que em Estoi terá existido uma grande comunidade de almocreves (como indicia a importância do culto ao seu padroeiro, São Martinho, patrono da Igreja Matriz) que transportava os figos, as alfarrobas, as amêndoas e o gado, entre outros produtos desta região, para o resto do país.





Foto 1: Chafariz do Largo da Liberdade.

Como em tantos outros casos, também em Estoi, a presença abundante de água está associada ao surgimento da aldeia neste lugar.

Na verdade, apesar de se ter colocado a hipótese de Estoi ter nascido onde são hoje as ruínas de Milreu, reconhece-se atualmente que Milreu nunca existiu enquanto aldeia, nunca foi um assento urbano, mas sim “uma importante *villa* romana, com as valências e dependências comuns a qualquer

quinta agrícola romana” (Malobbia, 2006: 79) que, tal como a aldeia, era abastecida a partir da nascente que se situa no Largo Ossónoba, o ponto mais alto de Estoi, e o terceiro ponto de paragem deste passeio.



Foto 2: Bica de baixo.

De acordo com informação prestada pela arquiteta Patrícia Malobbia, em finais do século XIX, a fonte que existia no Largo Ossónoba foi tapada e a água da nascente canalizada, tendo sido criadas três importantes bicas na aldeia, a de baixo, que vê ao fundo das escadas da Igreja Matriz (na parede do lado esquerdo, foto 2), e as do meio e de cima, que visitará nos pontos 2 e 5.

A água é também o elemento que está na origem do desenvolvimento da atividade agrícola que

caracteriza Estoi e os seus arredores e era a partir daqui que saía a rede que abastecia toda a campina de Faro e a própria capital, como veremos também no ponto 3 deste passeio. Falamos, portanto, de uma comunidade que viveu sobretudo da agricultura, dividida entre trabalhadores agrícolas e proprietários abastados, como testemunham alguns edifícios, nomeadamente o que vê à direita da igreja e que foi propriedade da família Belchior.

Desta forma de viver dos
estoienses, nomeadamente da dos
mais pobres, dos que efetivamente
trabalhavam a terra, nos dá conta
o poema de Emiliano da Costa,
inscrito no painel de azulejos que
adorna este chafariz:

Minha aldeia

Labuta, sempre atrás do gado manso,
Afeita aos sóis e às chuvas invernosas,
Neste amanho de geiras trabalhosas,
Onde se viu maior desembaraço?!

Seus dias continuados de cansaço
Dão-lhe gramíneas e leguminosas;
Seu quintal de gerânios e de rosas
Quando o sétimo chega pró descanso...

Num segredinho múrmuro de fontes
Conversa então co'os cerros, com os montes
Que, em volta, ela de amores estonteia...

Ingénua, alegre e fresca, ao ar lavado,
Com a rosa do sol no penteado,
Como é bela, ao Domingo, a minha aldeia.

Emiliano da Costa (1940: 151)





Apesar de ter nascido em Tavira, o poeta e médico Emiliano da Costa viveu grande parte da sua vida em Estoi, onde foi o médico da Casa do Povo e desenvolveu uma forte relação afetiva com a aldeia, pelo que se lhe refere como sua.

Neste poema, Emiliano da Costa menciona os cerros à volta da aldeia, o Malhão e o Guelhim, e recorda a vida típica de um camponês, do trabalho e do descanso semanal de domingo: o dia santo, quando a maioria dos habitantes de Estoi vestia o traje domingueiro e ia à missa à Igreja Matriz à sua frente: a Igreja de S. Martinho construída no século XVI e reedificada no século XIX, na sequência dos graves danos que sofreu aquando do terramoto de 1755.

O soneto “Prelúdio”, do mesmo autor, retrata este reboliço domingueiro tão sonoro e musical:

Prelúdio

Cordas, empreita, rôlos de tamiça...
Ferve o mercado logo de manhã.
Lindas môças p'ra ver - perna roliça,
Olhos de amêndoa, risos de romã!


Homens-faunos largaram a rabiça
Dos arados, e enxadas. O tam-tam
Do campanário chama-os para a missa...
Mas surge o amolador - flauta de Pan

Incitando ao amor a branca aldeia,
Ardente, impressionista... Debussy!
Nos fios, nas cimalthas, sôbre a grei,

Andorinhas cantando: (Après-midi...)
- "Já me lavei e já me penteei,
Já fui à missa e já estou aqui."

Emiliano da Costa ([1930] 1931: 25)





Mas a igreja não era apenas o ponto de encontro dos domingos, era também o centro nos dias de festa, como é o caso do Dia de S. Luís (21 de junho), padroeiro dos animais. Numa aldeia com forte tradição na criação e comércio de gado, os agricultores procuravam a proteção dos seus animais com um ritual que consistia em colocar no altar bolos de massa de pão com a forma dos animais que pretendiam ver protegidos. Assim, à porta da igreja, vendiam-se os bolos que eram colocados pelas famílias no altar para serem abençoados. Feita a oferenda, os bolos regressavam aos tabuleiros e eram novamente vendidos. Este processo repetia-se ao longo do dia e, no final, os bolos eram mais uma vez vendidos para serem consumidos pelos seus últimos compradores.

Trata-se de um ritual único e peculiar a que Emiliano da Costa se refere no poema “Dia Santo”:



Dia Santo

Festa. Mercado ao sol, vida barata...
Curadas as morrinhas do Outono,
A San Luís, dos animais patrono,
Muita família traz a sua oblata.

[...]

Baixos-relevos de simpleza e graça,
À porta da Igreja, sobre tábuas,
Há porquinhos, galinhas, bois...de massa!

Emiliano da Costa (1940: 38)

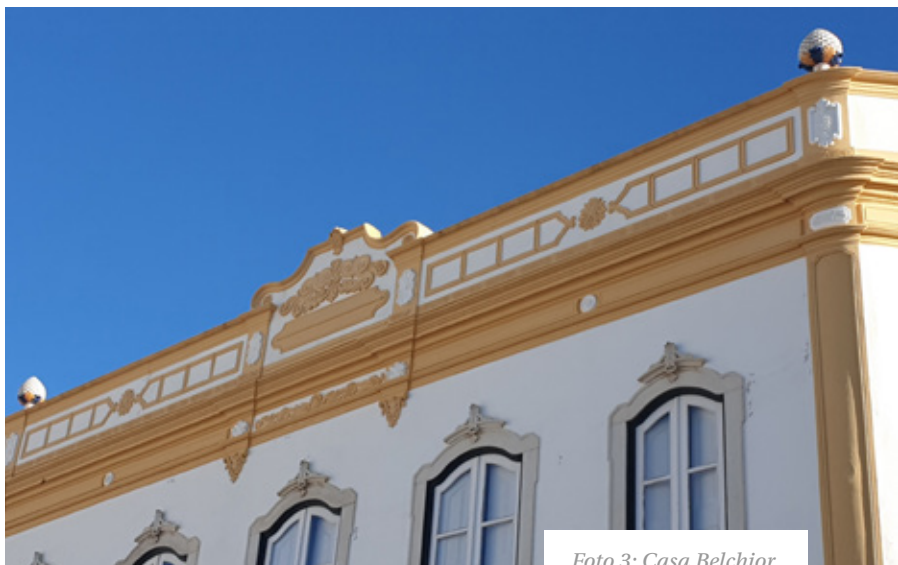


Foto 3: Casa Belchior.

Chamamos aqui a sua atenção para as pinhas que ornamentam a parte superior da platibanda da Casa Belchior (foto 3), à direita da igreja.

Este motivo irá surgindo ao longo deste percurso nos topos das platibandas, como aqui, mas também em relevo nas fachadas das casas e como elemento decorativo nas grades das varandas.

Acreditamos que a presença deste elemento se prenda com

a importância que a Festa da Pinha, sobre a qual falaremos mais adiante, tem para os estoieenses.

Siga agora em direção à igreja e contorne-a pelo lado direito.

Passando a casa Belchior e subindo mais um pouco, chega ao Largo General Humberto Delgado.



Foto 4: Busto de Emiliano da Costa, no Largo General Humberto Delgado.

2

Largo General Humberto Delgado / Monumento a Emiliano da Costa

No centro deste largo encontra um busto de Emiliano da Costa, da autoria do artista algarvio Sidónio.¹ Este monumento foi inaugurado em 1985, em homenagem ao poeta, aquando das comemorações do centenário do seu nascimento (foto 4).

Convida-se aqui à leitura do soneto em exposição na base do monumento:

1. José Sidónio de Almeida (Faro, 1918 – Faro, 1997) foi um carismático escultor, pintor, ceramista e caricaturista.

Aldeia branca

Circunscrito à moldura da janela,
Vai o quadro do dia já a meio,
Potes de azul derramam-se na tela
E o sol a rir-se, a rir, bate-lhe em cheio.

Que inundação! Por cima de quintais,
Sobre telhados, torres, parreiras,
É o céu, é o céu azul de mais!

Aflita, a aldeia acorre: e o ar atira
O gesso, a cal, chapões de claridade,
A ver se a cor deslava, o azul se atira.
Que superabundância – a claridade!

E eu visto a bata de escaiolador.
E eu sou espátula, pincel, pintor.
E eu já não sei o que faça a tanta cor.

Emiliano da Costa (1956: 16)

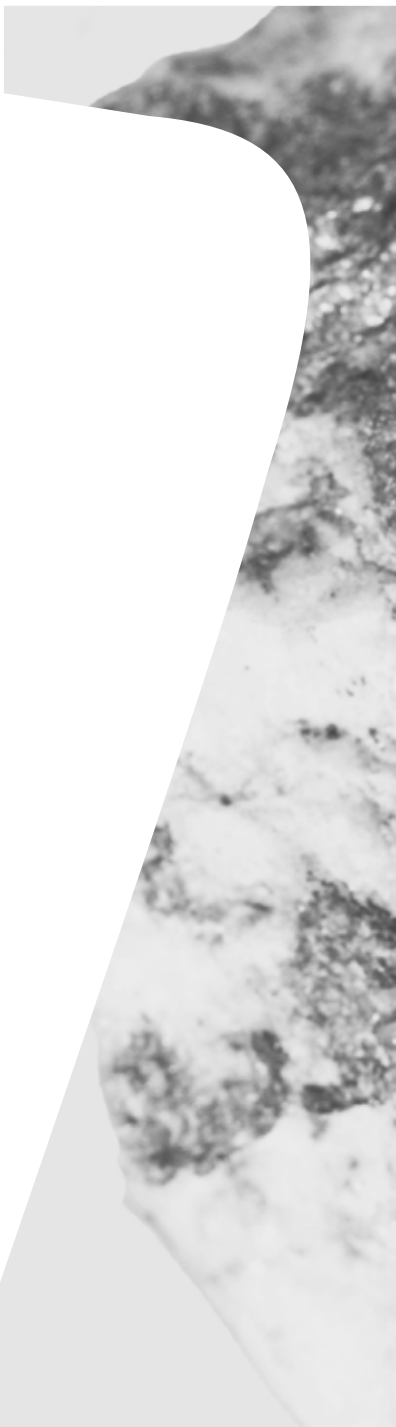
Neste poema, Emiliano da Costa sublinha a claridade que, nas suas palavras, inunda Estoi. O “poeta da cor e do sol” (Quaresma, 2003: 21) pinta com palavras o retrato da sua aldeia iluminada pelo sol do meio-dia.

Um sol que se derrama sobre a aldeia e salienta o contraste entre o azul do céu e as casas caiadas de branco, que compara a “chapões de claridade”.

A referência à brancura das casas algarvias e à cal é recorrente na obra do poeta.

No soneto “Cêrro”, por exemplo, Emiliano da Costa refere-se inclusivamente ao local de extração da cal que fornecia Estoi e as aldeias em redor.

Pela proximidade, podemos concluir que esta é uma referência ao forno de cal que existiu no Cerro do Malhão e que alguns estoienses afirmam ter ainda conhecido em funcionamento:





Cêrro

Julho. Quando o calor mais entontece
(É tempo de ela vir desabrochar)
Trepo ao acume à cata duma espécie
De eufórbia rara, por classificar.

Colhi-a: ciatos vertendo almece...
Na calma fico mudo, a contemplar:
– Aldeias! E êste cêrro é que fornece
Em redor tanta cal para as caiar!...

Pedregulhos, calcáreo. Pelos ares,
Espavorindo bandos de perdizes,
Lufas de pó e vento, em fumaradas...

Cêrro! – forno de cal - p'ra calcinares
É só queimar, queimar troncos, raízes,
– Vascularizações carbonizadas!

Emiliano da Costa ([1930] 1931: 49)



Na verdade, ainda que, como vimos acima, o professor Amílcar Quaresma (outro ilustre “estoiense”) atribua a Emiliano da Costa o epíteto de “o poeta da cor e do sol” (Quaresma, 2003: 21) e que seja a forma como reflete nos seus textos a cor e a luz algarvias o aspeto que mais sobressai nos textos críticos relativos à sua obra, já em 1925, um outro escritor algarvio, José Dias Sancho (São Brás de Alportel, 1898 – Faro, 1929), aponta esta característica como própria e inevitável dos artistas algarvios, em virtude da paisagem que os envolve:

Os Poetas dispõem das imagens e do ritmo. Por isso ninguém como eles nos pode falar da Paisagem. O sol clangorante do Sul e o volumoso Mar onde as horas retratam nas mais vivas tonalidades, fizeram de todos os Artistas algarvios fanáticos adoradores da Côr. (Sancho, 1925: 13-14, maiúsculas no original)



Foto 5: Bica do meio.

Continue agora a caminhada.

Passando pelas traseiras da Igreja Matriz, suba pela Rua da Igreja até encontrar uma bica, a chamada bica do meio (foto 5).

Siga pela direita, na Rua Cândido dos Reis, vire à esquerda e passe o Largo da Praça Velha, continuando pela Rua da Conceição, até chegar ao Largo Ossónoba.

Largo Ossónoba

Encontra-se agora na quota mais alta de uma aldeia que os populares dividem em “aldeia de baixo”, junto à Igreja Matriz, e “aldeia de cima”, referindo-se ao núcleo que se desenvolveu em torno deste largo e do Largo da Praça Velha, pelo qual acabou de passar. Em frente ao edifício da farmácia, pode ver a fonte, hoje coberta, a que nos referimos no início do passeio como local da nascente que esteve na génese desta aldeia.

Como explica o pároco de Estoi, numa carta ao rei D. José I, em 1758, era a partir daqui que se abastecia não só a aldeia, como a própria cidade de Faro:

“Na Praça de Estoi existe uma admirável fonte tão abundante de água que não só com ela fertiliza todas as hortas dos seus subúrbios, mas também dela se valem para os gastos ordinários muitos dos principais moradores de Faro e dos seus conventos, por ser a melhor água [...]” (Oliveira, [1914] 1993: 71).



Foto 6: Largo Ossónoba.

O Largo Ossónoba (foto 6) constitui, portanto, o núcleo histórico de Estói e, diz-nos Patrícia Malobbia (2009: 119), que terá sido um espaço de mercado e um ponto de encontro para o qual as pessoas confluíam e em torno do qual começaram a construir as suas casas, precisamente por ser aqui que se encontrava a origem da água com que se abastecia a aldeia e se dava de beber aos animais.

Na verdade, este continuou a ser o principal ponto de encontro

de Estói e aqui se realizou um mercado de rua diário até à primeira metade do século XX, sendo que nos anos 40 aqui foi construído o edifício do mercado (ainda hoje assim identificado, situado na entrada da Rua Pé da Cruz).



Foto 7: Edifício do Antigo Mercado de Estoi.

A propósito deste largo, também designado como Rocio, e da fonte aqui existente, Ataíde Oliveira reproduz na *Monografia de Estoi* uma lenda contada por Frei Vicente Salgado, no último quartel do século XVIII: “Dois mouros principais, um de Estoi e o outro de Alface, competiam em casamento com a filha do rei de Faro e lhes tinha sido para a preferência aquele que mais depressa fizesse ou uma torre, de onde se visse Faro, ou levasse água àquela cidade.” (*in* Oliveira, [1914] 1993: 120).

Esta lenda poderá estar associada ao facto de, em 1809, se terem feito escavações no Largo do Colégio, em Faro, e de aí se terem encontrado vestígios de um chafariz e de um aqueduto que desembocava nesse ponto, tendo-se apurado que esse aqueduto tinha o seu início no sítio da Alface (Oliveira, [1914] 1993: 119).

A partir do Largo Ossónoba, continue em frente até ao início da Rua do Pé da Cruz.

Aí avista, à sua direita, o edifício do antigo Mercado de Estoi (foto 7). Siga até lá.



Foto 8: Espólio de Emiliano da Costa.

4

Edifício do Antigo Mercado de Estoi / Espólio de Emiliano da Costa

Este edifício do antigo mercado da aldeia é atualmente uma delegação da União de Freguesias de Conceição de Faro e Estoi. Em horário de funcionamento da União de Freguesias, pode entrar e visitar parte do espólio de Emiliano da Costa que aqui se encontra exposto (à sua direita, ao fundo da sala) e no qual pode observar, entre outros objetos, o original do



Foto 9: Ilustração científica da autoria de Emiliano da Costa.

busto que viu no Largo Humberto Delgado, algum mobiliário e outros pertences do poeta.

Destacamos a presença de alguns quadros adquiridos por Emiliano da Costa ou que lhe foram oferecidos por amigos, mas, sobretudo, aqueles da autoria deste médico, que foi poeta, e também pintor (fotos 8 e 9).

Em homenagem ao poeta que tanto escreveu sobre a sua terra, sugerimos, neste espaço que lhe é dedicado, a leitura de um poema no qual canta o Algarve, referindo-o através da designação árabe desta província, *Chenchir*:

Invocação

Alma da linda terra onde nascemos,
Engastada entre a serra, o mar e a Espanha;
Alma! que p´ra sentir-te a luz tamanha,
Com o serrenho e os pescadores hemos

De ir sôbre o Atlântico batendo os remos,
Batendo as asas de ir sôbre a Montanha;
Chama de amor, pirotecnia estranha,
Fogo de Deus onde, ajoelhando ardemos;

Que estás na flor, na espuma, a reflectir
Fumos de nuvens, céu, do sol-valverde
Incendiando-se a escova nos brasidos;

Canta nos versos meus... Chenchir! Chenchir!
Marulho da onda e seiva - azul e verde, -
A côr sempre toando nos sentidos!

Emiliano da Costa ([1930] 1931: 7)





Foto 10: Ermida do Pé da Cruz.



*Continue agora a
caminhada.*

Siga pela Rua do Pé da Cruz, até encontrar uma bifurcação e ter à sua frente a Ermida do Pé da Cruz (foto 10).

5

Casa de Emiliano da Costa / Ermida do Pé da Cruz



Estando de frente para a ermida, tem à sua esquerda, assinalada por uma placa que comemora os 80 anos do poeta, a casa onde viveu e faleceu Emiliano da Costa, em janeiro de 1968 (foto 11).

Não tendo tido filhos, o poeta deixou esta casa de herança à sua governanta D. Maria Idília Rosa Perna. Enquanto foi viva, a antiga governanta manteve a casa tal como o poeta a deixou. Porém, também ela não teve filhos e, após falecer, a casa passou a ser

herança dos seus sobrinhos e, mais tarde, também dos sobrinhos-netos. Com cerca de quarenta herdeiros, a decisão sobre o destino da casa e do espólio do autor tem vindo a ser adiada.

Hoje a casa encontra-se fechada, parte do espólio de Emiliano da Costa foi vendido à União de Freguesias, mas existe ainda uma parte que se encontra dentro da casa e que, infelizmente, se está a deteriorar.




Foto 11: Casa de Emiliano da Costa.

Estando neste ponto, para além da casa do poeta, não podemos deixar de assinalar também a Ermida do Pé da Cruz e o seu Cruzeiro.

A sua presença remete-nos para uma das maiores e mais antigas festas populares do Algarve, a Festa da Pinha ou Festa dos Almocreves, que se realiza anualmente, no dia 2 de maio. Trata-se de uma festa dedicada à vasta comunidade de almocreves que aqui existiu. Uma festa cujas origens, como as de tantas outras

festas populares, se fundem com as tradições pagãs de celebração da primavera.



A Festa da Pinha tem início no picadeiro da aldeia (frente ao largo onde se realiza o mercado, perto do cemitério), de onde saem os cavaleiros trajados a rigor (calças pretas, camisas brancas e lenços vermelhos), carruagens puxadas por mulas e cavalos, camiões e tratores enfeitados com flores e ramagens, seguindo em direção à mata do Ludo. Aí passam o dia em convívio. Este ponto central da festa assinala o Ludo como um local onde houve em tempos grande atividade comercial.

Lembramos que o Ludo corresponde ao que era a antiga barra de Farrobilhas e que aí se situava o porto comercial de mesmo nome. Como tal, esse era um espaço onde se concentravam os almocreves que para aí transportavam produtos ou os recolhiam. Ao anoitecer, os convivas da Festa da Pinha regressam a Estoi, como nos diz o poeta popular José Parente,² em “Viva a Pinha!”:

2. José Soares Parente (Estoi, 1902 – Estoi, 1986) foi poeta popular, agricultor, arrieiro e vendedor ambulante de peixe.

Viva a pinha!

Há séculos que começou
A Pinha na nossa terra.
A Festa principiou
Com almoceves da Serra.

Por gostar desta terrinha
Um grupo p'ro Ludo foi.
Lá é a Festa da Pinha
Mas acaba cá em Estoi.

[...]

P'ra Pinha vão, com fitas
Mas de volta vêm com luz
Saem do Largo das Bicas
Acabam no Pé da Cruz.

[...]

Cada um traz uma luz
A tradição é assim.
Ao chegar ao Pé da Cruz
Vão queimar o alecrim.

José Parente (in Quaresma, 1999: 18)





Foto 12: A fogueira da Festa da Pinha, frente à Ermida de Santa Cruz.

Como vimos, o cortejo da festa termina precisamente nesta ermida dedicada a Nossa Senhora do Pé da Cruz, padroeira dos almocreves (foto 12). Aqui se acende uma fogueira frente ao cruzeiro e se queima alecrim.

Pensa-se que esta festa remonta ao século XVII, data da construção da ermida (Carlos, 2013: 37-56).

Neste ponto, convidamo-lo a conhecer mais um testemunho literário dos momentos finais da Festa da Pinha, desta feita através das palavras do poeta estoiense Joaquim Aleixo:³

3. Joaquim Aleixo (Estoi, 1948) é um poeta popular e ilustre estoiense que tem dedicado parte da sua vida a dinamizar atividades culturais na aldeia.



Festa da Pinha

[...]

Viva a Pinha! Viva a Pinha!
Viva a Festa da Pinha!...

Varandas, estão apinhadas,
Palmas e vivas s'escutam,
Crianças, estão pasmadas
Os velhos, até exultam...

Viva a Festa da Pinha!!!

Respondem os forasteiros
De vídeos bem apontados,
Seus filmes são pioneiros
De feitos por nós glosados.

Eis o Largo da Igreja!...
Que majestoso cenário!...
Quem não viu, é bom que veja
Quão belo e imaginário!...

Cavaleiros, romeiros altivos,
Nas carroças, o sangue fervilha,

Tractores repletos, garridos,
Viva a Pinha! Viva a Pinha!...

Quase na ponta final,
No Jardim, novo fulgor,
Todos vêem, bem ou mal,
Aquele fogo, aquele ardor!...


Viva a Pinha! Viva a Pinha!...
Viva a Festa da Pinha!...

E estamos chegando ao fim,
No Cruzeiro, ao Pé da Cruz,
Palmeiras, flores, alecrim,
Fogueira imensa de luz!...

Joaquim Aleixo (1989, texto gentilmente cedido pelo autor)



Segundo o testemunho de Joaquim Aleixo, o regresso à noite, com os participantes a brandir tochas acesas e o término da festa junto a uma fogueira, não é apenas um vestígio da origem pagã desta festa, mas também um símbolo da caminhada noturna dos almocreves que celebra. As tochas simbolizam aquelas com que os almocreves iluminariam o caminho durante as suas viagens noturnas e a fogueira, as que acenderiam para afugentar os animais enquanto dormiam ao relento.



É curioso verificar que, sendo a Festa da Pinha um acontecimento importantíssimo para aldeia, e terminando frente à casa de Emiliano da Costa, não tenhamos encontrado na sua poesia uma referência a este evento.

No entanto, tal parece justificar-se pelo facto de a festa ter sido proibida durante muitos anos, no período do Estado Novo, tendo sido retomada apenas em 1968, ano em que o poeta faleceu.



Foto 13: A Presa.



Foto 14: Entrada da Rua da Barroca.



Foto 15: Rua da Barroca.

Continue agora a caminhada.

Faça o percurso inverso, percorrendo toda a Rua do Pé da Cruz, até ao Largo Ossónoba. Aí chegado, siga pela direita, na Rua da Presa, passe a bica de cima, à sua direita, e avance um pouco na mesma Rua da Presa, até avistar o tanque comunitário (fotos 13).

Apesar de não termos encontrado na literatura uma alusão à “Presa” (designação deste tanque comunitário), sendo a água um elemento omnipresente em Estoi, e os tanques comunitários vestígios de uma forma de vida, convidamo-lo a aqui parar, antes de prosseguir caminho. Volte agora a subir a rua, virando à direita na Rua Furriel João Manuel Pinheiro Canal. Avance até chegar ao Largo do Forno Velho e, aí, desça as escadas da Rua da Barroca (fotos 14 e 15), à sua direita.



Foto 16: Azulejo com o poema *Cabecinha Romana de Milreu*, de Jorge de Sena, na Rua da Barroca.

6

Rua da Barroca

Sensivelmente a meio destas escadas, encontra no lado esquerdo um mosaico de azulejo (foto 16), no qual está inscrito o poema “Cabecinha romana de Milreu”, de Jorge de Sena.⁴

4. Jorge de Sena (Lisboa, 1919 – Santa Bárbara, Califórnia, 1978) foi um crítico, ensaísta, ficcionista, dramaturgo, tradutor e professor universitário português, autor de uma vasta obra poética, que deixou Portugal para escapar à ditadura vigente e se naturalizou brasileiro em 1963. A degradação da situação política no Brasil levou à sua mudança para os Estados Unidos da América, em 1964, onde ensinou Literatura Portuguesa na Universidade de Wisconsin.

Este poema foi escrito após uma visita do poeta ao Algarve, em finais de fevereiro de 1959, com passagem por esta aldeia. Uma viagem que Jorge de Sena fez na companhia de um outro ilustre escritor, o brasileiro Erico Veríssimo, aos quais se juntou o poeta Emiliano da Costa, no passeio por Estoi. Nessa visita, o poeta terá tido a oportunidade de observar o pequeno busto a que dedica o poema aqui inscrito e do qual se encontra exposta uma réplica nas Ruínas de Milreu (o original encontra-se no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa):

Cabecinha Romana de Milreu

Esta cabeça evanescente e aguda,
tão doce no seu ar decapitado,
do Império portentoso nada tem:
nos seus olhos vazios não se cruzam línguas,
na sua boca as legiões não marcham,
na curva do nariz não há os povos
que foram massacrados e traídos.
É uma doçura que contempla a vida,
sabendo como, se possível, deve
ao pensamento dar certa loucura,
perdendo um pouco, e por instantes só,
a firme frieza da razão tranquila.
É uma virtude sonhadora: o escravo
que a possuía às horas da tristeza
de haver um corpo, a penetrou jamais
além de onde atingia; e quanto ao esposo,
se acaso a fecundou, não pensou nunca
em desviar sobre el' tão longo olhar.
Viveu, morreu, entre colunas, homens,
prados e rios, sombras e colheitas,
e teatros e vindimas, como deusa.


Apenas o não era: o vasto império
que os deuses todos tornou seus, não tinha
um rosto para os deuses. E os humanos,
para que os deuses fossem, emprestavam
o próprio rosto que perdiam. Esta
cabeça evanescente resistiu:
nem deusa nem mulher, apenas ciência
de que nada nos livra de nós mesmos.

Jorge de Sena ([1963], in Sena, 1998: 67)



Mais do que a descrição do busto, Jorge de Sena evoca o estilo de vida de uma mulher romana abastada, com escravos ao seu serviço. Um estilo de vida que facilmente podemos imaginar ser o das mulheres que habitaram a luxuosa *villa* de Milreu.

O primeiro arqueólogo a efetuar escavações em Milreu foi Estácio da Veiga, em 1877. Classificadas como Monumento Nacional em 1910, as Ruínas de Milreu constituem um dos mais importantes vestígios de presença romana no Algarve e atestam a sua ocupação permanente, por este povo e os que o seguiram, entre os séculos I e XI. Ali existem as ruínas de uma *villa* rústica romana ricamente adornada com numerosos elementos decorativos e com termas, o que permite concluir que foi habitada por famílias abastadas. Neste complexo, situam-se ainda um templo pagão (que chegou a ser convertido em igreja cristã) e uma casa rural que foi erguida entre os séculos XVI e XIX sobre as ruínas da parte privada da antiga casa romana.



Milreu terá sido uma *villa* de uma beleza tal que impressionou os árabes que mais tarde aqui se instalaram. Segundo Ataíde Oliveira, o espanto deste povo perante a criação dos romanos estará mesmo na origem da designação “Aldeia das Bruxas”, que ainda hoje é atribuída a Estoi.

Segundo o autor: “São hoje os Mouros que carregam com as responsabilidades das cousas encontradas e que não se sabem explicar. Eles, ao menos, no seu tempo eram lógicos consigo. Quando encontravam documentos das antigas civilizações, que não sabiam explicar, atribuíam-nos a seres extraordinários. [...] Eis também a razão por que aos habitantes de Estoi eles chamavam bruxos; é que ali encontraram as maravilhosas criações do povo

romano, e, não as sabendo explicar, suppozeram ter sido criação dos filhos de Estoy e igualmente lhes chamaram bruxos, nome que chegou aos nossos tempos.” (Oliveira, 1909: 32).

Já sobre a história desta belíssima rua onde se encontra, a Rua da Barroca, Amílcar Quaresma (1999: 20) lembra que o conhecido e ancestral Mercado de Estoi, que ainda hoje se realiza todos os segundos domingos de cada mês, aconteceu, ao longo da sua história, em vários pontos da aldeia, e um deles foi a Rua da Barroca. Aqui se realizava o mercado dos porcos e, na verdade, até muito recentemente o Mercado de Estoi distinguia-se justamente por ser principalmente um mercado de gado.



Foto 17: Portão do Palácio de Estoi.



Desça agora e, no final das escadas, entre no portão do jardim do palácio que encontra à sua direita (foto 17).

Caminhe cerca de 200 m e verá à sua direita o coreto e o palácio. Passe o pequeno portão de ferro e desça pelas escadas à esquerda do lago.

Chegado ao fim das escadas, avance até à entrada da alameda e vire-se de costas para o grande portão de ferro, ficando de frente para o palácio (foto 18).



Foto 18: O Palácio de Estoi.

7

Palácio de Estoi

Quando se deslocou a Estoi, em 1981, José Saramago registou essa visita em *Viagem a Portugal*, tendo esclarecido que: “Em Estói [sic] o viajante procurava o antigo palácio dos condes de Carvalhal e as ruínas de Milreu.” ([1981] 1997: 373), e que, aqui chegado:

[...] quando julgava que teria de mover céus e terra para penetrar em propriedade particular, palácio e jardins, dá com um portão de madeira aberto, uma álea sem obstáculos [...]. É certo que o portão de ferro que daria acesso a um terceiro pavimento estava fechado, mas deste lado de cá não faltavam motivos de interesse. (Saramago, [1981] 1997: 373)



Também o visitante, à semelhança de Saramago, encontrará muito provavelmente o portão aberto, uma vez que a zona sul dos jardins do palácio é propriedade da Câmara Municipal de Faro. Na verdade, este município detém todo o palácio, contudo a parte norte do jardim e o edifício foram concessionados a um grupo hoteleiro por um período de cinquenta anos, pelo que essa zona pode não estar acessível aquando da sua visita. Sugerimos, então, que visite este espaço guiado pelas palavras do prémio Nobel da Literatura:



Misturam-se gostos setecentistas e oitocentistas, no traçado dos jardins, na profusão de estátuas e bustos, nas balaustradas, na decoração azulejar. Duas grandes estátuas reclinadas de Vénus e Diana têm como fundo painéis de azulejos com plantas e aves exóticas, de efeito muito arte nova. E os bustos sobre as cimalthas mostram ao viajante os rostos sem surpresa de Herculano, Camões, Castilho, Garrett e, inesperadamente, do marquês de Pombal. [...] O viajante aceita o que vê, não procura significação nem atmosferas, e se estes bustos são os do imperador e da imperatriz da Alemanha, o caso é curioso, nada mais. O lago está vazio, a crua branca dos mármore fere os olhos. O viajante senta-se num banco, ouve o interminável canto das cigarras, e nesse embalo quase adormece. Adormeceu mesmo, porque, ao abrir os olhos, de repente não soube onde estava. Viu na sua frente um coreto desmantelado, imaginou as festas ao som da música, os pares passeando, as corridinhas pelo parque, e, humanamente, espreguiçou-se; há-de ter sido uma boa vida a que foi aqui passada. (Saramago, [1981] 1997: 373)



Foto 19: O interior do palácio.

Se for possível visitar o palácio, suba pelas escadas que usou anteriormente para descer e pela direita até à esplanada do bar / varanda. Entre e atravesse as salas ricamente decoradas (foto 19).

A título de curiosidade, registamos que nem sempre a vida dos que habitaram este palácio foi abastada e, os estoieenses relatam que, no período após o 25 de abril de 1974, tendo a família sido espoliada das



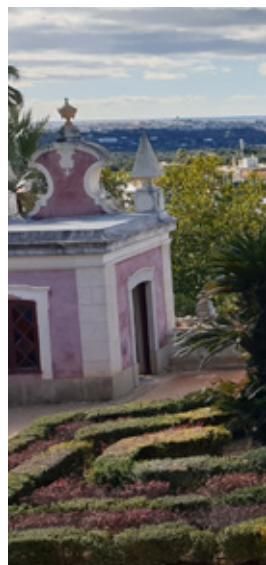
suas quintas no Alentejo, viu-se o último proprietário na necessidade de colocar redes nas janelas das salas do palácio e a usá-las como espaço de criação de codornizes e coelhos.

Este edifício de estilo Barroco data do século XVIII e é o edifício mais significativo da arquitetura civil da época, construído a sul do Tejo.





Foto 20: Vista da varanda do palácio para o Cerro do Guelhim.



O palácio foi mandado construir pelo fidalgo da casa real Coronel Fernando José de Carvalho e Vasconcelos e sua esposa, que fizeram dele a sua residência. Daí a designação Palácio dos Condes de Carvalho.

Não tendo esta família deixado herdeiros, o palácio foi adquirido em hasta pública, por um abastado farmacêutico natural de Estoi, que vivia em Beja, José Francisco da Silva (1893-1909), que o restaurou e terminou.

O enorme investimento aqui feito valeu-lhe a atribuição do título de Visconde de Estoi pelo Rei D. Carlos.

Em 1977, o palácio foi classificado como Imóvel de Interesse Público e, posteriormente, convertido numa das Pousadas de Portugal, reabrindo enquanto tal em 2009.

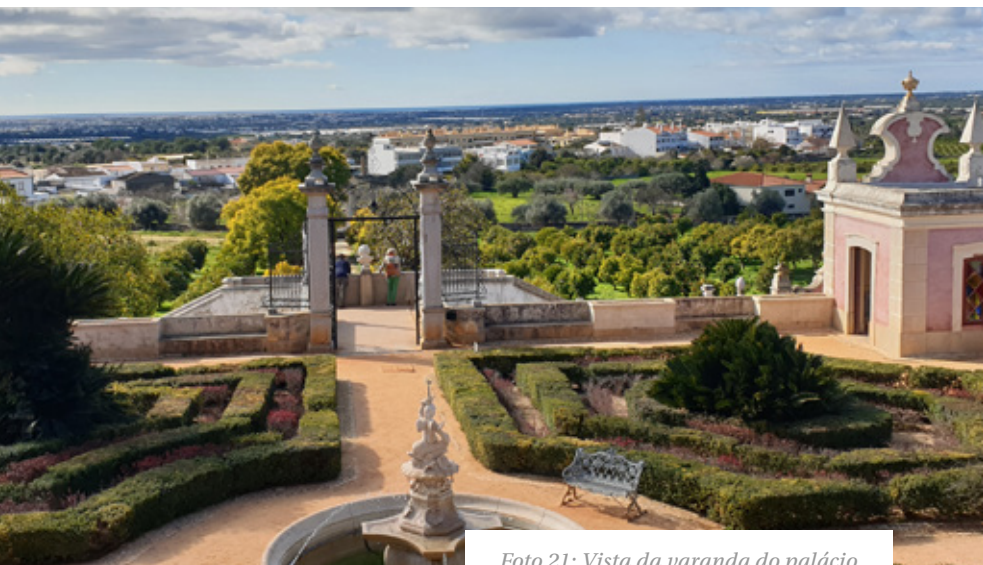


Foto 21: Vista da varanda do palácio para os jardins, os pomares e a aldeia.

Regresse agora à varanda.

A partir deste lugar, pode observar os jardins do palácio, o Cerro de Guelhim e as hortas e pomares que envolvem a aldeia (fotos 20 e 21).



Foto 22: Largo da Liberdade.

Continue agora a caminhada.

Dirija-se novamente ao local por onde entrou no jardim e prossiga em frente até ao ponto inicial deste passeio, o Largo da Liberdade (foto 22).



8

Largo da Liberdade

Chegado ao final deste passeio, encontra-se de frente para a Rua de Faro (estrada principal da aldeia), na qual pode observar as casas decoradas com platibandas do início do século XX.

Virando à sua direita e descendo esta rua, encontra a 800 metros à direita as Ruínas de Milreu.

Desafiamos o visitante a aí se deslocar e a recorrer, como Emiliano da Costa nos diz no poema abaixo, à sua fantasia, reconstruindo Milreu na sua mente e visualizando a *villa* e os seus habitantes para além dos vestígios da ação humana:

Um fuste, um capitel (A António Teixeira Marques)

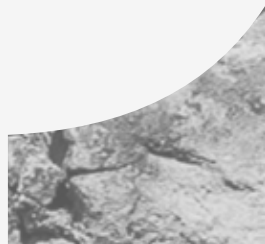
Um fuste, um capitel... é a Beleza
Dispersa pelo chão! E são as árvores,
São estas farrobeiras a abraçar-vos,
A abraçar-vos é toda a Natureza...

Contrastem, alegria com tristeza:
Os evos, muito embora a arrasar-vos,
Nas pedras são memória a perdurar-vos,
- Uma certeza contra a incerteza.

Que importa essa “delenda” que nos deu
Ossónoba, as Ruínas do Milreu,
Hoje tão evocadas, peregrinas,

Se com a fantasia aqui a erguê-las,
Do fundo da minh’alma, e a embelecê-las,
Estas Ruínas já não são ruínas?

Emiliano da Costa (in Torgal & Ferreira, 2005: 232)





Sugerimos, portanto, que termine o seu passeio literário de Estoi com um regresso ao passado, sabendo que por aqui passaram e escreveram Jorge de Sena e Emiliano da Costa, José Saramago, entre outros escritores.



SUGESTÕES E OUTRA INFORMAÇÃO

Abaixo, oferecemos-lhe um conjunto de sugestões para tornar ainda mais agradável a sua caminhada.

Locais de interesse

- Ruínas de Milreu

Eventos

- Mercado de Estoi (2.º domingo de cada mês)
- Maíos (1 de maio)
- Festa da Pinha (2 de maio)
- Festival Nacional de Folclore (3.º sábado de agosto)
- Festa do Cavalo (1.ª semana de setembro)

Referências bibliográficas

A lista das referências bibliográficas referente à informação contida neste passeio literário está disponível em rotaliterariadoalgarve.pt.



ORÇAMENTO
PARTICIPATIVO
PORTUGAL



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA

**cult
alg**

Direção Regional de
Cultura do Algarve



UAlg

UNIVERSIDADE DO ALGARVE